



ISRAEL

Boca de urna indica retorno de Netanyahu

Bloco formado pelo partido Likud, por religiosos e pela ultradireita deve formar ligeira maioria no Knesset (Parlamento) e viabilizar novo gabinete comandado pelo ex-primeiro-ministro, afirmam pesquisas. Especialistas veem governo frágil

» RODRIGO CRAVEIRO

Nos últimos quatro anos, os israelenses foram às urnas cinco vezes para escolher o governo. A votação de ontem foi marcada pelo amplo comparecimento às urnas — cerca de 66%, o mais alto índice desde 1999 — e pelo provável retorno de Benjamin Netanyahu, 73 anos, ao poder. Duas das três pesquisas de boca de urna divulgadas pelas emissoras de televisão apontam que o bloco comandado pelo Likud, partido do ex-premiê, e formado pelo Partido Religioso Sionista (ultradireita), pelo Judaísmo da Unidade Torá e pelo Shas, obteve 62 cadeiras no Knesset (Parlamento) e conquistou uma estreita maioria legislativa. A outra sondagem mostra a coalizão de Netanyahu com 61 assentos. O Knesset abrange 120 parlamentares.

Netanyahu classificou as pesquisas de boca-de-urna como um “bom começo”. Depois de depositar sua cédula eleitoral em Jerusalém, o ex-premiê disse que é “um dever e uma grande honra poder votar”. “Espero que terminemos este dia com um grande sorriso”, acrescentou. “Bibi”, como é conhecido, travava uma disputa direta contra o atual primeiro-ministro Yair Lapid, 58, líder de uma coalizão integrada por partidos de esquerda, centro, direita e árabes. “Votem hoje pelo futuro de nossos filhos, pelo futuro de nosso país. Votem bem”, afirmou Lapid ao votar em Tel Aviv.

A “coalizão da mudança” forjada por Lapid e Naftali Bennett retirou Netanyahu do poder em junho de 2021. Um ano depois, perdeu a maioria no Knesset com a saída de deputados de direita, o que provocou a antecipação de eleições.

A provável maioria, ainda que estreita, de Netanyahu se deve ao surpreendente desempenho da ultradireita, representada pelo Partido Religioso Sionista. De acordo com o jornal *The Jerusalem Post*, a legenda conquistou

Ronald Schemidt/AFP



Benjamin Netanyahu e a mulher, Sara, depositam voto em seção eleitoral na cidade de Jerusalém: provável volta ao poder 17 meses depois

14 assentos no Knesset. “Hoje, o Partido Religioso Sionista fez história com a maior vitória de um partido religioso nacional desde que o país foi fundado”, comemorou o parlamentar Bezalet Smotrich, um de seus líderes.

“Muito fraco”

Professor de comunicação política da Universidade Bar-Ilan (em Ramat Gan, Tel Aviv), Eytan Gilboa foi cauteloso e preferiu não cravar a vitória de Netanyahu. No entanto, admitiu ao **Correio** que o líder do Likud estava mais perto de retomar o posto de primeiro-ministro. “Ele será

» Tensão na Cisjordânia

As eleições em Israel ocorreram em um momento de tensão na Cisjordânia ocupada, com dois atentados executados por palestinos nos últimos dias, incluindo um que matou um civil israelense, no sábado, em Hebron (sul), cidade foco de crise com colonos israelenses. Após uma série de atentados contra Israel nos últimos meses, o exército efetuou mais de 2 mil operações na Cisjordânia, um território palestino ocupado desde 1967. As incursões, concentradas em particular em Jenin e Nablus (norte), muitas vezes provocam confrontos e deixaram mais de 120 mortos do lado palestino, o maior número de vítimas em sete anos. Ontem, o Exército israelense fechou os pontos de acesso à Cisjordânia e à Faixa de Gaza, exceto para os casos de emergência humanitária.

um premiê muito fraco, pois terá a maioria de um ou dois membros do Knesset e dependerá de um partido de extrema-direita.”

Segundo Gilboa, uma coalizão pequena não seria estável o bastante para assegurar a governabilidade. “A crise política pela

qual Israel está passando, com cinco eleições desde 2018, não acabou. Mesmo que Netanyahu tenha estabelecido uma coalizão muito estreita, ela pode não sobreviver por muito tempo”, advertiu. “No entanto, qualquer maioria, por menor que seja, tornará o governo legítimo. A aliança incluirá dois partidos religiosos e um de extrema-direita.”

Efraim Inbar, presidente do Instituto para Estratégia e Segurança de Jerusalém, também disse à reportagem que era necessário aguardar a divulgação dos resultados finais, prevista para hoje. “Há a possibilidade de que o bloco de Netanyahu

Eu acho...

Alfred Muller/Divulgação



“Israel enfrenta muitos desafios, tanto interna quanto externamente. Seria extremamente difícil para Netanyahu lidar, de modo eficiente, com eles. Uma das prioridades seria pessoal: aprovar leis que detenham ou cancelem seu julgamento por corrupção.”

Eytan Gilboa, professor de comunicação política da Universidade Bar-Ilan (em Ramat Gan, Tel Aviv)

Arquivo pessoal



“Netanyahu não gosta de se tornar refém de partidos mais à direita do que o Likud. Ele pode inicialmente estabelecer uma coalizão de direita e depois procurar parceiros centristas.”

Efraim Inbar, presidente do Instituto para Estratégia e Segurança de Jerusalém

não consiga o número mágico de 61 cadeiras no Knesset. Ainda é uma corrida muito apertada”, comentou. Para Inbar, caso Netanyahu volte ao poder, precisará enfrentar um desafio imediato. “A questão mais urgente para Israel é o programa nuclear iraniano. Devemos ver a intensificação dos esforços para atacar o Irã”, previu.

TRAGÉDIA NA COREIA DO SUL

Polícia admite resposta insuficiente

O comandante de polícia nacional da Coreia do Sul admitiu que os agentes receberam vários alertas sobre o perigo antes da aglomeração fatal do evento de Halloween no sábado passado, mas que a resposta foi “insuficiente”. Pelo menos 156 pessoas, em sua maioria jovens, morreram e centenas ficaram feridas em um tumulto no sábado à noite, na primeira festa de Halloween pós-pandemia no popular distrito de Itaewon, em Seul.

A polícia sabia que “uma grande multidão estava reunida inclusive antes do acidente, o que indicava a urgência do perigo, mas o uso desta informação foi insuficiente”, reconheceu o comandante da polícia nacional, Yoon Hee-keun. Quase 100 mil pessoas compareceram à área da festa, que não foi um evento “oficial” com um organizador designado. A polícia e as autoridades locais não controlaram o número de

participantes. “A polícia recebeu vários relatos que indicavam a gravidade do cenário no local pouco antes do acidente”, afirmou Yoon.

O ministro do Interior, Lee Sang-min, pediu desculpas pela tragédia. “Gostaria de aproveitar esta oportunidade para expressar minhas desculpas sinceras ao povo, como ministro responsável pela segurança da população, por este acidente”, afirmou na Câmara dos Deputados. Ele foi a primeira autoridade do país a pedir perdão pela tragédia.

A Coreia do Sul é considerada um país eficiente no controle de aglomerações. Os protestos geralmente contam com grande presença policial, a ponto de superar o número de participantes nas manifestações. A polícia afirmou, na segunda-feira, que enviou 137 agentes ao local, enquanto 6.500 controlavam um protesto do outro lado da

Jung Yeon-je/AFP



O presidente Yoon Suk-yeol visita memorial às vítimas do tumulto

cidade, com a presença de 25 mil pessoas, segundo a imprensa local.

O presidente sul-coreano, Yoon Suk-yeol, afirmou que o país precisa melhorar de maneira urgente o sistema de controle de grandes multidões. “A segurança das

pessoas é importante, com a presença ou não de um organizador do evento”, afirmou, em uma reunião de gabinete. Ele pediu o desenvolvimento de um sistema digital “de última geração” para melhorar a gestão de multidões, mas

os críticos destacaram que tais feramentas existem e não foram usadas. Ontem, Yoon visitou o bairro de Itaewon e depositou flores em um memorial às vítimas.

Monitoramento

A Prefeitura de Seul possui um sistema para monitorar multidões em tempo real que utiliza dados de smartphones e antecipa aglomerações. No entanto, de acordo com a imprensa, ele não foi empregado no sábado. As autoridades do distrito de Itaewon não organizaram patrulhas de segurança, pois consideraram que o evento de Halloween não era um “festival” que exigiria um plano de gerenciamento de multidões.

Dezenas de milhares de pessoas lotaram um beco íngreme de três metros de largura no máximo. Testemunhas relataram cenas de caos quando as pessoas se empurravam

para passar pelo local. Bloqueadas no beco, elas tentaram sair e algumas subiram em cima de outras. Analistas apontam que isto poderia ter sido facilmente evitado com um pequeno número de policiais.

“Um gerenciamento bom e seguro de multidão (...) exige uma estratégia para controlar a capacidade para receber pessoas, o fluxo e a densidade”, afirmou Keith Still, professor da Universidade de Suffolk. O especialista sul-coreano Lee Young-ju disse que, se a polícia sabia que estava sobrecarregada, poderia ter procurado ajuda das autoridades locais ou mesmo de moradores ou lojas da área. “Não é apenas uma questão de números”, declarou Lee, professor do Departamento de Incêndios e Desastres da Universidade de Seul. “A pergunta é: o que fizeram com o número limitado (de policiais) e que tipo de medidas adotaram para compensar isto?”, questiona.